

VISIBILIDADE E INVISIBILIDADE DA COMUNIDADE LIBANESA DE FOZ DO IGUAÇU: IDENTIDADE EM DEBATE

visibility and invisibility of lebanese community in foz do iguaçu (brazil): identity in debate

visibilidad e invisibilidad de la comunidad libanesa en foz do iguaçu (brasil): identidad en debate

Poliana Fabíula Cardozo¹

Resumo: O objeto de análise desse artigo é a comunidade libanesa de Foz do Iguaçu e jogo da visibilidade e invisibilidade dela mesma e de seus marcos identificatórios. O estudo foi realizado com base em entrevistas com 32 pessoas, descendentes e imigrantes libaneses radicados na cidade, com a finalidade de apurar como eles mesmos vêm a sua própria visibilidade de grupo. Para isso, o trabalho apresenta um panorama geral de Foz do Iguaçu como receptora de imigrantes e cidade de fronteira bem como tessituras teóricas que tratam de identidade cultural (plural) imigrante. Os resultados surpreendem: ao tratar da visibilidade dos marcos culturais da comunidade libanesa, os entrevistados puderam citar diversos deles e justificar; mas ao tratar da visibilidade da comunidade propriamente dita houve contradição de respostas: quando uns alegavam que ela não era mais visível, ou nunca havia sido, e outros diziam que ela era uma parte de destaque na sociedade iguaçuense. Ambas tendências têm nuances diversas e explicações baseadas em autores que tratam do tema da identidade cultural imigrante, sob a perspectiva dos estudos culturais, tais como: Kristeva (1994); Claval (2007); Cuche (2002); e outros.

Palavras-chave: identidade cultural imigrante; visibilidade e invisibilidade cultural; libaneses em Foz do Iguaçu.

Abstract: The object of analysis in this article is the Lebanese community of Foz do Iguaçu (Parana State, Brazil) and the play of visibility and invisibility, itself and identificatory landmarks. The study was conducted based on interviews with 32 people, Lebanese immigrants and descendants living in the city, in order to ascertain how they accurate their own visibility. For this, the paper presents an overview of Foz do Iguaçu as receiver of migrants and border town as well as theoretical marks that deal with cultural identity (plural) immigrant. The results are surprising: when dealing with the visibility of cultural landmarks of the Lebanese community, respondents were able to name several of them and justify; but when dealing with the visibility of the community itself there was contradiction in responses: when some claimed that it was no longer visible, or had never been, and others said that the community was a part of the local society. Both trends have various nuances and explanations based on authors that deal with the topic of immigrant cultural identity, from the perspective of cultural studies, such as: Kristeva (1994); Claval (2007); Cush (2002); and others.

Key words: immigrant cultural identity; cultural visibility and invisibility, Lebanese people in Foz do Iguaçu (Iguassu Falls)

Resumen: El objeto de análisis de ese artículo es la comunidad libanesa de Foz do Iguaçu, Paraná Brasil y el juego de la visibilidad e invisibilidad de ella misma y de sus marcos identificatórios. El estudio fue realizado con base en entrevistas con 32 personas, descendientes e inmigrantes libaneses radicados en la ciudad, con la finalidad de apurar como ellos mismos ven a su propia visibilidad de grupo. Para eso, el trabajo presenta un panorama general de Foz do Iguaçu como receptora de inmigrantes y ciudad de frontera así como tesituras teóricas que tratan de identidad cultural (plural) inmigrante. Los resultados sorprenden: al tratar de la visibilidad de los marcos culturales de la comunidad libanesa, los entrevistados pudieron citar diversos de ellos y justificar; pero al tratar de la visibilidad de la comunidad propriamente dicha hubo contradicción de respuestas: en cuanto unos decían que ella no era mas visible, o nunca había sido, y otros decían que ella era una parte de destaque en la sociedad iguazuense. Ambas tendencias tienen tonos diversos y explanaciones basadas en autores que tratan del tema de la identidad cultural inmigrante, bajo la perspectiva de los estudios culturales, tales como: Kristeva (1994); Claval (2007); Cuche (2002); y otros.

Palabras clave: Identidad cultural inmigrante; visibilidad e invisibilidad cultural; libaneses en Foz do Iguaçu (Foz de Iguazu)

¹ polianacardozo@yahoo.com.br

Introdução

A nova posição do Brasil como *global player* tem feito com que ele se torne um destino de imigrantes interessados em melhores condições de vida, sobretudo trabalho. Embora esse posicionamento geopolítico e estratégico seja relativamente recente para o país, e as levadas migratórias idem (não se pode deixar de mencionar que as discussões que concernem à imigração sejam também uma novidade na sociedade brasileira) esse artigo trata de uma comunidade de imigrantes que não faz parte desse referido momento especificamente, mas o alimenta em certa medida. Nem teve início no século XIX quando o Brasil fora receptor de tantos milhares de imigrantes. Aqui quer se abordar a comunidade de imigrantes libaneses de Foz do Iguaçu, no extremo oeste do Paraná, que iniciou quando os primeiros e grandes fluxos – iniciados no século XIX – cessaram, anos de 1950, e se dá de forma constante até os dias de hoje.

Essa comunidade, estimada em 15 mil membros², embora não tenha tido sua constituição motivada pela posição do PIB Brasileiro nos ranqueamentos internacionais mais recentes, ou mesmo passados, como se pode intuir, pois os precede, é muito mais incentivada pela posição estratégica internacional de Foz do Iguaçu – na tríplice fronteira entre o Brasil, a Argentina e especialmente o Paraguai, e isso será mais bem explicado posteriormente – seus membros engrossam as estatísticas de imigrantes recentes do país, em seu constante ir e vir entre o Brasil e o Líbano.

E quando se trata de um constante ir e vir, aqui deve ser aclarado que se entende por isso tanto as viagens de visitas/lazer como as voltas ditas definitivas para o Líbano, as reimmigrações para Foz do Iguaçu e as novas chegadas de novos imigrantes. Todos são casos válidos e frequentes na comunidade em estudo e que movimentam o eixo aéreo Iguaçu/Beirute.

Esse constante movimento de pessoas aliado às novas tecnologias de comunicação (telefonia fixa, celular, internet – Whatsapp, Skype, e-mail, facebook, blogs, YouTube, etc – conectada aos mais diversos *gadgets*) facilita sobremaneira o frequente contato entre os libaneses e seus descendentes em Foz do Iguaçu e o Líbano ou qualquer outro país em que estejam. E essa constante comunicação faz com que a identidade migrante e o sentimento de libanesidade possa ser cultivado no seio da comunidade libanesa. Mas não apenas os meios de comunicação propiciam esse fenômeno, os eventos organizados pelos membros e pelas instituições libanesas, as instituições propriamente ditas, os marcos arquitetônicos e religiosos, a gastronomia, as

² Não existem dados oficiais que deem conta desse número. 15 mil membros são estimativas da própria comunidade contando entre imigrantes e descendentes.

manifestações folclóricas e tantos outros elementos permitem que os libaneses sejam identificados, se auto-identifiquem: sejam vistos.

Mas não se pode crer que todos os aspectos dessa comunidade esteja ao alcance dos olhos de todos, nada disso. Algumas coisas ficam reservadas aos que a ela pertencem: reservados à invisibilidade.

Esse artigo objetiva descortinar nestas páginas alguns elementos tratados pela própria comunidade como visíveis e outros como invisíveis. Isso será por meio de entrevistas com 32 pessoas da comunidade, cedidas à autora em agosto de 2012. Para a contextualização do objeto de estudo (visibilidade e invisibilidade da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu) será abordada Foz do Iguaçu enquanto destino de imigrantes e a visibilidade e invisibilidade migrante sob o ponto de vista teórico dos estudos culturais, apoiado em autores como Kristeva (1994), Cuche (2002), Cymbalista e Xavier (2007); e Claval (2007).

1. Foz do Iguaçu: mais que uma fronteira geográfica

Foz do Iguaçu está 637 km distante de da capital paranaense Curitiba. Fica perto da Floresta Nacional de Iguaçu e do Lago de Itaipu. Conta com 250.980 habitantes, segundo o último censo do IBGE (BRASIL, 2010) que apresentam grande sua diversidade cultural: mais do que 80 nacionalidades de imigrantes vivem lá, entre eles grandes contingentes oriundos do Líbano, de Taiwan, do Paraguai e da Argentina (FOZ DO IGUAÇU, s/d). Caminhando pelas ruas da cidade não é surpresa deparar-se com pessoas de diferentes nacionalidades, como japoneses, chineses, coreanos, franceses, bolivianos, chilenos, árabes, marroquinos, portugueses, indianos, ingleses, israelenses e tantas outras, além dos vizinhos. Assim, a cidade recebe um ar cosmopolita, e os seus moradores desenvolvem uma identidade que ultrapassa os costumes padrões nacionais, claro sempre compreendendo a identidade como plural, sobretudo nesse caso.

Machado e Silva (2008) relata que, quando se compartilha o uso do espaço por diferentes grupos, não é tarefa simples reconhecer uma única identidade para a localidade, e com isso há um esforço constante em usar essa dificuldade como um apelo à convivência de alteridade: “é o apelo público e oficial da Prefeitura Municipal, dirigido aos moradores para participarem da vida cívica, jurídica e legal da cidade, através do emblema ‘Foz é de todos nós’ (MACHADO E SILVA, pp. 364-365). E há que se concordar que em Foz, as identidades são múltiplas, e isso lhe confere sem dúvida nenhuma uma cor local muito especial.

Apesar de Foz ter uma história urbana, Roseira (2006) aponta que seu acelerado crescimento populacional acontecia apenas em função da construção da Usina de Itaipu, asseverando que inclusive as correntes migratórias para lá orientadas foram ocasionadas pelas

oportunidades criadas pela tal construção. Machado e Silva (2008), entretanto, diverso disso, procura as razões da migração à cidade na sua localização fronteiriça, mencionando que grande número dos imigrantes vinha em função do comércio. Isto vale principalmente para os migrantes de origem árabe (libaneses, palestinos, sírios e jordanianos em sua franca maioria), bem como asiáticos (chineses – taiwaneses, coreanos e, em número bem menor, indianos), além de portugueses. A autora menciona ainda que a cidade fora principalmente escolhida para morar, muito embora as oportunidades de trabalho (comércio) se encontrassem mais na vizinha paraguaia Cidade do Leste.

Apesar de essa percepção da autora ser compactuada por muitas pessoas na cidade de Foz do Iguaçu, eventualmente um olhar mais apurado poderia revelar dados distintos: os descendentes de imigrantes, que mesmo sendo brasileiros natos continuam sendo rotulados pelos não descendentes de imigrantes como estrangeiros, tal como: o árabe, o turco, o chinês, o coreano e assim por diante, já ocupam outros postos na cadeia econômica da fronteira, muitas vezes abandonando o comércio na vizinha Cidade do Leste e se instalando em diversas profissões em Foz mesmo.

Esta situação multicultural remodelou a paisagem urbana de Foz e, assim, o seu cotidiano é marcado visivelmente pelo multiculturalismo: “além dos espaços sociais dos grupos da comunidade árabe, há, na cidade, um templo budista, igrejas evangélicas e católicas, clubes específicos e associações atuantes – dos portugueses, dos japoneses, dos coreanos, dos italianos e outras menores, como a associação franco-brasileira” (MACHADO E SILVA, 2008, p.368). À parte dos templos e outros espaços edificadas, a comunidade árabe, por exemplo, ainda promove, esporadicamente, atos de reconhecimento e visibilidade que são as manifestações políticas pela causa da Palestina e festividades religiosas; isso sem mencionar as duas escolas árabes, o cemitério e os inúmeros restaurantes árabes na cidade de Foz do Iguaçu.

Com base nesta experiência visual, Montenegro e Béliveau (2006) compreendem Foz do Iguaçu a partir do imaginário do diverso. Assim, seus próprios habitantes a consideram uma cidade aberta ao outro, hospitaleira aos imigrantes e turistas. Os iguaçuenses e o próprio poder público, segundo as autoras, creem que a diversidade seria um valor e uma riqueza. O imaginário de convivência entre os diferentes grupos é tão forte, de acordo com as autoras, que descrevem o discurso muito ouvido na cidade de que ali, tanto árabes como judeus convivem em harmonia; mas as autoras são perspicazes ao observarem que praticamente não existem judeus na cidade. Por isso, antes de cair na ingenuidade, Montenegro e Béliveau (2006) atentam para o fato de que a diversidade na cidade seria mais um espaço compartilhado etnicamente do que um espaço unificado entre os diferentes, remetendo mais à tolerância do que à integração.

Ao seu turno, Fernandes (2007, s/p) explica que

O respeito (...) parece mesmo ser mola-mestra da sociedade multifacetada de Foz. Se não há a aproximação que se imagina cabível em um pedaço do Brasil assim, não há também registros nos últimos anos de incidentes graves envolvendo membros de uma etnia perante outra. A escola árabe que funciona ao lado da Mesquita corrobora isso. Nem todos os 300 alunos têm ascendentes no Oriente Médio e, entre eles, há a estratificação entre sunitas e xiitas, além de uma razoável influência das marcas-símbolo das economias americana e europeia. Estar no pátio do colégio durante o intervalo é ter a oportunidade de observar meninas de 10 anos de burca³ e tênis americano, além da lata de Coca-Cola na mão. (...). Em outra parte da cidade, assistir a uma missa na Paróquia São João é ver fiéis, lado a lado, nascidos no Paraguai, Bolívia, Itália ou Alemanha e de ouvidos atentos à pregação de sotaque indonésio do padre Wili.

Destarte, pode-se falar de uma interculturalidade vivida dentro dos grupos étnicos, mas para Fernandes (2007) não existe integração entre os diferentes grupos iguaçuenses, existe respeito, há que se concordar com o autor. A integração não ocorre em razão de a convivência entre os grupos ser muito superficial. Uma possível explicação para a convivência superficial entre grupos distintos pode se dar pela luta pela sobrevivência de costumes, ideologias, e outros elementos relacionados à cultura de origem deles. Mas também esse artigo não trata de lidar com essas questões abraçando todos os diferentes grupos, mas se concentra especificamente no libanês. Aqui apenas cabe mencionar, na voz de outros autores, que se vive em tranquilidade entre os diferentes grupos na cidade e que a integração ocorre em baixa intensidade.

Arruda (2007, p. 44) explica que “quanto maior for o contato com grupos que possuam hábitos, religião, percepções diferentes das suas, maior a tendência dos diferentes segmentos se reafirmarem como um grupo de pessoas que tenham características semelhantes.” E com isso, pode-se imaginar que esse grupos que vão se arranjando promover de certa forma relações entre os semelhantes, entre o que se chama de ‘nós’ e não com o ‘outro’. A autora ainda comenta que além das questões particulares dos imigrantes na região da tríplice fronteira, devem-se considerar os moradores dos países transitando por lá, marcando ainda mais esta relação. Ou seja: há movimento, incessante de estrangeiros, de ‘outros’ na cidade, quer sejam de moradores, quer sejam de turistas.

Nesse caso, vale mencionar que a base da economia da cidade está claramente em atividades interculturais, por exemplo, no turismo. Isto não apenas por causa das várias atrações mundialmente reconhecidas como as Cataratas de Iguaçu, o Lago de Itaipu, ou a Floresta Nacional, que incrementam um turismo regional de comércio e serviços, mas também pelo seu ar ‘internacional’. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Turismo

³ N/A: o uso da burca (vestimenta que cobre totalmente o corpo da mulher) não é usual na comunidade libanesa de Foz do Iguaçu. O mais comum, e provável de que o autor esteja referindo-se, é o hijab (do árabe vestimenta simples, que usualmente é referido como o lenço que cobre cabelos e pescoço das mulheres). Este sim bastante comum entre sunitas e xiitas na cidade, bem como o uso de roupas de mangas longas e que cubram as pernas e outras formas do corpo.

(EMBRATUR) e pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), em 2006 e 2007, Foz do Iguaçu foi considerada no Brasil no segmento lazer o 2º destino mais visitado por turistas estrangeiros, atrás apenas do Rio de Janeiro.

Para compreender um pouco mais do fluxo libanês na cidade, cabe explicar que a partir de 1994 com a estabilização da economia no Brasil e a força cambial do real frente ao dólar⁴, o comércio em Cidade do Leste passou por um grande crescimento, fervilhando de compristas de todas as partes do Brasil e de comerciantes vindos, sobretudo do Líbano e Taiwan (e este movimento de compristas era fortemente sentido também na cidade brasileira: demandando serviços de hospedagem, alimentação, transporte e seus desdobramentos; bem como o incremento do fluxo de imigrantes comerciantes na cidade paraguaia refletiu-se em Foz do Iguaçu na medida em que muitos deles viviam no lado brasileiro da fronteira e estimulavam o setor imobiliário, saúde, transporte, alimentação, educacional e tantos outros que são ofertados a moradores com poder de compra de uma cidade). As estimativas da comunidade árabe no período eram de que entre Foz do Iguaçu e Cidade do Leste haveria em torno de 35 mil árabes (entre imigrantes e descendentes).

Em 1997-1998 o governo federal do Brasil decide aplicar maior rigidez sobre os estrangeiros residentes no país para posteriormente anistiá-los; este fora um momento em que muitos libaneses moradores de Foz do Iguaçu foram viver em Cidade do Leste ou arriscaram a trazer suas famílias do Líbano para viver na cidade. Houve certa comoção, pois a fiscalização de pessoas na fronteira entre o Brasil e o Paraguai foi intensa como nunca antes vista, até mesmo dentro da cidade de Foz a fiscalização era vista.

Com as altas do dólar frente ao real nos anos seguintes; atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos (e toda a repressão aos árabes e muçulmanos no mundo todo); saída de Israel de quase todo o Sul do Líbano; a repressão à entrada de mercadorias advindas do Paraguai para o Brasil; forte crise na Argentina (2002); e outros fatores sociais, o grupo libanês de Foz do Iguaçu sem dúvida encolheu em termos quantitativos, mas continua qualitativamente, visivelmente forte.

Hoje a comunidade estima que o número de árabes, entre descendentes e imigrantes, não ultrapasse os 15 mil quase todos morando em Foz do Iguaçu mesmo. Apesar do encolhimento, esse número ainda representaria mais de 5% da população local. Há quem diga que já não existem libaneses forasteiros em Foz do Iguaçu (aqueles que são explicados como apenas desejosos por ganhar muito dinheiro e voltar para o Líbano), mas sim afirmam que os que

⁴ Cabe recordar que no início do Plano Real, a moeda brasileira valia mais do a americana.

suportaram a todas as adversidades estão na cidade para ficar (ora porque já são nascidos no Brasil, ora porque têm seus filhos e familiares na cidade), fortalecer suas raízes.

1.1 A comunidade libanesa em Foz do Iguaçu e seus marcos identificatórios mais notórios

Em 60 anos de diáspora orientada para Foz do Iguaçu, a comunidade libanesa dispõe de uma estrutura social completa – com entidades representativas, espaços religiosos e gastronômicos, e com um patrimônio arquitetônico específico. Entre este patrimônio encontram-se a mesquita, o *busseiniey*⁵, a igreja, as escolas, o cemitério islâmico, e o clube recreativo. Concomitantemente à construção do patrimônio arquitetônico, a visibilidade da comunidade se expressa pela gastronomia que pode ser desfrutada nos diversos restaurantes, doçarias, açougues e padarias espalhados principalmente pelo centro da cidade, e bairros Vila Portes e Jardim Central. Ainda, em eventos específicos podem se ver danças folclóricas, tais como o *dapke*⁶. As próprias pessoas aparecem no dia-a-dia com suas roupas e comportamentos nas ruas da cidade, conversando, vendo televisão nos estabelecimentos com canais árabes como o Al Jazeera, LBC, Al Manar, ART e outros, ouvindo música das mais clássicas cantoras como Fairuz até o pop Amir Diab, enfim, marcando a presença árabe e principalmente libanesa, é hoje absolutamente comum, mas extrapola a própria cidade.

Na região estudada existem aproximadamente dezesseis instituições árabes, sendo doze na cidade de Foz do Iguaçu e as outras em Cidade do Leste, a serem citadas: Associação Árabe Palestina Brasil de Foz do Iguaçu; Associação Beneficente Árabe Brasil; Associação Cultural Sírio Brasileira; Igreja Evangélica Árabe de Foz do Iguaçu; Lar dos Drusos Brasileiros; Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu; Centro Cultural Beneficente Islâmico de Foz do Iguaçu; Centro de Atividades Educacionais Árabe Brasileiro; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu, Grupo Escoteiro Líbano-Brasil; Sociedade das Damas Árabes, e Clube União Árabe. Além disso, agora a cidade conta com uma agência de notícias especializada em mundo árabe e na comunidade árabe local, chamada A Fronteira/Al Hudud. Todas elas, exceto a Associação Árabe Palestina Brasil de Foz do Iguaçu e a Associação Cultural Sírio Brasileira são de liderança libanesa.

Essas instituições organizaram-se sob interesses distintos no seio da comunidade árabe, com o passar dos anos. Hoje, a maior parte delas atende não somente aos membros da comunidade propriamente ditos, mas também à comunidade não árabe, especialmente em ações de beneficência. Elas são de cunho cultural, religioso, recreativo, educacional, beneficente e

⁵ Local de celebração xiita.

⁶ Dança folclórica libanesa.

representativa de comércio e mantêm escolas, asilos, a mesquita, e clube de lazer. Ao longo do desenvolvimento dessas entidades, seus organizadores não perderam de vista um dos seus principais focos: o bem-estar da comunidade árabe em Foz do Iguaçu, em diversos âmbitos como preservação do idioma, da cultura, da religião, salvaguardando alguns valores e tradições. (CARDOZO, 2004)

Os libaneses em Foz do Iguaçu organizam-se numa estrutura social complexa, que conta não apenas com clubes recreativos, entidades religiosas e educacionais, mas também com diferentes elementos estruturantes para seu cotidiano, marcando fronteiras, territórios e reafirmando sua identidade. A seguir, mencionam-se alguns desses elementos.

As festividades de origem libanesa em Foz do Iguaçu, são caracterizadas por motivações religiosas e cívicas e em termos de gênero e idade são não excludentes. Alguns exemplos podem ser mencionados: Eid ul Fiter (finalização do jejum do mês de Ramadã); Eid ul Adha (final da peregrinação Hajj); Nascimento do Profeta Mohamad⁷; Nascimento de Saída⁸ Fatma⁹ (dia da mulher muçulmana)¹⁰; Independência do Líbano (22 de novembro); e Independência do Brasil (7 de setembro).

Um outro exemplo da presença libanesa em Foz do Iguaçu, é a arquitetura. Algumas das edificações que fortalecem na cidade a libanesidade por meio da arquitetura são: Mesquita Omar Ibn Khatab; Sede da Sociedade Islâmica de Foz do Iguaçu (*husseiniey*); Clube União Árabe; Escola Libanesa Brasileira de Foz do Iguaçu; Centro de Atividades Educacionais Árabe (Escola Árabe Brasileira) e o cemitério islâmico.

A gastronomia árabe em Foz do Iguaçu também lhe confere à comunidade libanesa visibilidade. Cabe ainda dizer que ela seria muito semelhante àquela servida no Líbano, pois não faltariam, na cidade, ingredientes para a execução dos pratos, e o preparo seriam exatamente o mesmo ou muito similar. Para muitos entrevistados, o brasileiro aprecia muito a comida árabe, sendo que alguns pratos já fazem parte da gastronomia nacional, tais como: quibe (especialmente o frito), *sfiba* (no Líbano não se faz *sfiba* fechada, e isso já seria uma variação brasileira, bem como uma variedade de recheios que se consome no país: doce, de calabresa, mussarela, e etc.); charuto, *tabule* e ainda cita o lanche beirute (lanche brasileiro, que deve ter sido criado por algum árabe no Brasil. Muitos pensam que é um prato típico árabe, mas é provavelmente uma resposta árabe aos sanduíches norte-americanos).

⁷ Conhecida como Mawlid, a data é regida pelo calendário lunar. Sua celebração não é unânime entre os muçulmanos. Wahabitas, por exemplo, rechaçam-na.

⁸ Saída para mulher ou Saíd para homem, vem do árabe Senhor. Título dado aos descendentes do profeta Mohamad, especial destaque para os xiitas.

⁹ Filha do profeta Mohamad com sua primeira esposa Khadija. Também é conhecida como Fatma Az Zahrá (a rosa).

¹⁰ A data é regida pelo calendário lunar. Sua celebração não é unânime entre os muçulmanos, apenas os xiitas o fazem.

A exemplo de muitos países árabes, no Líbano, a gastronomia é um aspecto relevante para a vida das pessoas, quer seja pelo hábito de reunir-se à mesa ou dos homens frequentarem cafés. Essa característica se reproduz em Foz do Iguaçu entre os libaneses, mas os cafés foram substituídos pelas lanchonetes e doçarias típicas. Os estabelecimentos gastronômicos da cidade foram se dividem em restaurantes, lanchonetes, doçarias e mercados de produtos árabes. Aqui alguns exemplos: Lanchonete Casa da Sfiha; Lanchonete Casa da Esfiha Beirute; Açougue Árabe; Restaurante Líbano; Doceria Almanara; e Mercado Super Ghada.

Este cenário de visibilidade urbana, bastante amplo em relação a outras etnias, cabe mencionar, permite a reconstrução de um Líbano Presente para fortalecer espaços que são fonte de identificação ou que propiciam as marcações identitárias. Mas o que é muito mais relevante do que estas marcas, são as vivências cotidianas dos migrantes na cidade, que se fazem perceber em uma cidade que se diz de todos (pelo número de grupos de imigrantes e migrantes que recebe). A necessidade de educar os filhos em escolas árabes, para que aprendam a língua e a religião; de comprar ingredientes que lhes propiciem a ‘autêntica comida libanesa’; de juntar-se a outros libaneses nas lanchonetes – árabes – para falar alto e claramente rememorando sua língua, ouvir sua música; celebrar à sua maneira as datas festivas; vestir-se como se vestem no Líbano (marcadamente as mulheres muçulmanas); escrever nos letreiros dos estabelecimentos comerciais em árabe e em português; e tantas outras manifestações de um grupo que a primeira vista se sente à vontade com o rótulo de árabe, turco ou mesmo libanês que lhe dá a comunidade iguaçuense.

Mas na comunidade libanesa, em sua transnacionalidade, o grupo sabe precisamente o que significa esse rótulo que lhes é dado e o rótulo que dão aos de fora – aos *brasile* ou *brasilié*¹¹, como diriam eles mesmos. Explica-se: na diáspora se vive na alteridade, quer dizer: todo membro da diáspora sabe o que é ser outro e o que é diferença. Quem está incluído e quem está excluído de seu grupo; e ainda em quais grupos podem ou não serem incluídos para além de sua comunidade de imigrantes, é uma questão geral. Para o jogo da visibilidade e invisibilidade compreender a dinâmica do nós e eles (outros) é fundamental.

2. O visível e o invisível na comunidade libanesa segundo os entrevistados¹²

Cuche (2002) analisa a cultura dos imigrantes como móvel, mas definida pelos outros, e não pelos seus sujeitos principais. Apenas de forma folclórica, os imaginários ganham visibilidade se transformando em imagens: porque fora de seu contexto social, muitos elementos culturais perdem sentido e até mesmo se tornam anacrônicos. Assim, a imobilidade das imagens culturais

¹¹ Respectivamente: brasileiro e brasileira em língua árabe.

¹² Os nomes dos entrevistados foram trocados para preservá-los.

na cultura expatriada surge em função do desligamento espaço-temporal da comunidade étnica da sua origem. Dificilmente seria transmissível à geração seguinte na sua função real, mas mesmo assim os imigrantes se apoiam a estes fragmentos de cultura justamente porque estes lhes permitem assegurar uma identidade própria diante dos desafios do ser diferente da cultura nacional. Por meio disto, é possível que os imigrantes tenham alguma coesão no grupo. Nesse entendimento, os imigrantes desenvolvem uma cultura sincrética, apesar de esta estar baseada em imagens puras da cultura de origem. Este sincretismo é verdadeiramente contraditório, porque o novo se dá em torno do que o grupo considera o cerne da cultura de origem para o manutenção da identidade coletiva.

Compreende-se que algumas partes da vida comunitária libanesa, mas se mostram abertas ao conjunto geral da cidade de Foz do Iguaçu. Este é um fato que aparece em geral nas grandes cidades do mundo ocidental, quando a presença de diferentes grupos de imigrantes forma uma interculturalidade junto com uma teia de estrangeiros. Alguns destes grupos se relacionam entre si, outros não se conhecem ou não se relacionam.

Geralmente os símbolos dessa visibilidade são restritos e estereotipados ou até 'folclorizados'. As motivações para tal configuração são muitas, a começar pela razão de que por causa das diferentes origens não todos formam uma única comunidade. Assim, não se pode crer que os estrangeiros se unem deliberadamente, pelo contrário, entre eles também há estrangeirices. Reside, pois, uma necessidade no círculo entre os estrangeiros de realizar pequenas pontes, pequenos contatos com aqueles que o grupo considere como membros iguais: que partilhem a mesma língua, dificuldade, lembranças, anseios, fé. Isto cria processos de 'purificação' do imaginário cultural. Por exemplo, para Kristeva, no estrangeiro a religião dos ancestrais se ergue como pura e preservá-la passa a ser uma régia obrigação dos estrangeiros "por falta de solo, enraíza-se no rito até atingir a sua essência, que é o sacrifício" (KRISTEVA, 1994, p. 31).

Mas no que diz respeito ao grupo estudado neste artigo, observa-se que ao pé da letra, o que diz Kristeva não se verifica. Mas se vê uma persistente negociação cultural, a construção de diversas culturas de transposição para poderem se adaptar a vida no Brasil sem deixar de serem libaneses.

Isso por si gera um jogo de visibilidade e invisibilidade: o que mostrar e o que resguardar; como se apresentar para o nós e para os outros; como lidar com a inexorável e perceptível defasagem cultural que separa esse Líbano presente (a comunidade de Foz do Iguaçu) do Líbano ausente? São algumas questões que permearam essa etapa das entrevistas, e que serão tratadas em profundidade agora. Para chegar a essas análises, os entrevistados foram abordados com questões

do seu cotidiano, opinião sobre a visibilidade da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu além das formas de se relacionar com não libaneses na cidade, entre outras.

No que diz respeito ao relacionamento entre os entrevistados com os não árabes/libaneses, todos foram unânimes em dizer que se relacionam em alguma medida com brasileiros, seja no comércio, na escola, no círculo de amizades ou quer seja no trabalho. Mas poucos relataram relacionar-se com outros imigrantes, que não sejam árabes ou muito particularmente libaneses.

Jessica e Malak, (ambas com 17 anos e descendentes) dizem ter um amigo oriental, mas não sabem precisar se ele é chinês, coreano ou japonês, e aqui cabe trazer novamente Kristeva (1994) quando ela diz que existem estrangeirices entre os estrangeiros: o que não é nosso, é estranho. Outros tratam de identificar que se relacionam no trabalho no comércio no Paraguai com paraguaios e chineses. Poucos relatam amizade com outros imigrantes. Isso mostra que mesmo a cidade de Foz do Iguaçu se dizendo ser a anfitriã de muitas nacionalidades, ao menos os libaneses não se mesclam muito com outros que não sejam brasileiros, reforçando o que já fora dito por Montenegro e Beliveau (2006) e Fernandes (2007).

Alguns entrevistados, e isso se reproduziu muito marcadamente nas falas dos imigrantes, diziam que todo mundo no Brasil era imigrante, mesmo aqueles que eram netos ou bisnetos de imigrantes. Não raro apontavam a entrevistadora como sendo uma imigrante por ser branca e de olhos claros, apesar de ser bisneta de imigrantes. Yasser (60 anos) explicava para a entrevistadora, usando-a para justificar sua assertiva, que seu filho havia se casado com uma alemã, e detalhava ‘alemã como você deve ser italiana, de família né? Mas no fim das contas uma alemã, assim como você é uma italiana¹³’. Nisso pode-se perceber uma necessidade grande de se colocar como os nacionais, ora se nesse país todos são imigrantes, então eu sou igual a eles. Uma luta constante, no discurso, de se igualar, de não ser apontado como ‘outro’, de se mostrar como igual.

Cymbalista e Xavier (2007), ao tratar da imigração boliviana em São Paulo, explicam os padrões de territorialização urbana no enclave étnico: neste enclave se concentram grupos baseados em escolhas voluntárias (esta voluntariedade é marcante especificamente entre migrantes, e supera em muito os movimentos forçados pela tradição dos locais) – como o desejo de constituição de relações de vizinhança, manutenção de elementos de cultura ou religião, etc. Os autores alertam para a existência de enclaves excludentes, como muitos destes enclaves têm a clara intenção da não mistura, do não contato com o outro. Trata-se de um processo de guetoização, mas com claras alusões ao imaginário.

¹³ Mesmo após a entrevistadora ter explicado que era nascida no Brasil, e por isso mesmo não era imigrante, e sim bisneta de imigrantes o entrevistado não se convencia de que ela não seria como ele, ‘um imigrante’.

Não parece correto dizer que o que os autores relatam ocorre em Foz do Iguaçu, mas pode-se dizer firmemente que existem muitos edifícios onde moram apenas libaneses, tanto no centro da cidade como em bairros. Alguns desses edifícios foram construídos para abrigar um grupo de família ampliada, são construções que não passam os seis andares, outros são maiores, mas todos têm uma disposição e detalhes que agradam aos padrões libaneses de moradia: cômodos amplos – principalmente cozinha e sala de estar, três ou mais dormitórios, banheiros dotados de bidê ou ducha higiênica, possibilidade de instalação de muitos condicionadores de ar e etc. Depois de ocupados, algumas características se destacam nas moradias: dois jogos de sofá em uma sala de estar (para receber bastante gente), decoração detalhada e em tons de dourado, elementos decorativos como esculturas, quadros, almofadas, mantas, tapetes e outros vindos ou alusivos ao Mundo Árabe, utensílios de cozinha, sobretudo, também vindos do Oriente Médio, com destaque para cafeteira, xícaras e outra peças usadas no serviço de visitas.

Também em alguns bairros vê-se uma forte presença de residências de libaneses, como é o caso dos bairros que ficam nas imediações da Ponte da Amizade (Jardim Jupira e Vila Portes) bem como bairros que estão no entorno da Mesquita e do Husseinye (Jardim Central e Jardim Polo Centro).

Claval (1999, p. 17) assevera que as comunidades fragmentadas estabelecem muitas vezes um centro simbólico próximo (uma igreja, por exemplo) para se congregarem nessa imagem cultural, assim, elas

experimentam a necessidade de se fechar em micro-territórios dos quais elas saem somente para realizar o trabalho e as trocas que lhes permitem viver. Elas criam colônia, ou aceitam sem muito sofrimento ser fechadas em guetos, na medida em que estes lhes garantam sua identidade.

Desta maneira, Claval reproduz o ideal comunitário de um grupo étnico, no qual a imagem coincide com a vivência buscando uma grande unidade territorial, transformando o gueto em um pequeno território inviolável da comunidade. Não se pode dizer que os libaneses em Foz do Iguaçu estão encastelados em si próprios, ao contrário disso, frequentam os mesmos ambientes dos não libaneses, seus filhos não raro estudam em escolas não árabes e eles fazem questão de dizer que são bem relacionados na sociedade iguaçuense, o que de fato não se lhes pode negar. Não apenas eles o dizem, como isso é visível para qualquer um que deseje verificar o fato: estão em todos os ramos da economia, não raro são líderes de entidades de classe, buscam representatividade política¹⁴, estampam a miúdo as páginas das colunas sociais – se fazem ver de muitas formas.

¹⁴ No último pleito eleitoral municipal, a única mulher eleita para o cargo de vereador no município foi uma descendente de libaneses, do partido dos trabalhadores. Conhecida entre os mais desprovidos da cidade por suas *Geographia Opportuno Tempore*, Londrina, v. 2, n. 3, p. 43-59, 2016

Outras questões foram levantadas e que dizem respeito à visibilidade e à invisibilidade da comunidade libanesa, são atinentes à: frequência a estabelecimentos árabes, uso da língua árabe em público, o que lhes parece visível da cultura árabe na cidade e como eles enxergam a visibilidade da comunidade libanesa em Foz do Iguaçu.

No que diz respeito à frequência a estabelecimentos árabes, todos em alguma medida o fazem, sendo os mais frequentes: açougue, restaurante e doçaria. Alguns dizem que preferem não comer comida árabe em restaurante por terem essa possibilidade em casa. Outros se queixam de que falta um bom restaurante árabe na cidade, principalmente para levar convidados não árabes (ora, aqui se vê claramente o desejo de presumir o melhor da gastronomia, de seduzir pelo paladar os visitantes). Os açougues são mais frequentados por aqueles que comem carne *halal*¹⁵. Mostra-se assim que o próprio local étnico reúne a etnia como ambiente geral.

O uso da língua árabe, sobretudo a falada, é considerado muito importante para os entrevistados, inclusive no que diz respeito à inserção no grupo e ao manutenção da cultura/identidade cultural libanesa. Os entrevistados o fazem em qualquer lugar sem restrição, exceção a isso se faz quando algum não falante da língua árabe está junto com os falantes, eles deixam de falar árabe por respeito à essa pessoa. Contudo, os mais jovens explicam que algumas vezes usam a língua árabe para comunicar alguma mensagem que considerem privada, ou para excluir um não falante da língua da conversa.

Sobre a visibilidade da cultura árabe, os entrevistados comentam que o que seria de maior destaque pode ser exemplificado em: a religiosidade expressa de diferentes formas tais como a celebração do Ramadã, as vestimentas das mulheres principalmente; também se destaca a economia: a inserção no comércio e em muitos ramos econômicos da cidade; alguns costumes como o consumo de narguilé; gastronomia; o uso da língua escrita e falada.

Gamal (29 anos, descendente) explica que a união é uma característica cultural libanesa bastante visível aos não árabes. Parece-lhe que união é uma palavra boa, sem embargo essa união dos libaneses não é boa, pois “parece que eles não tem vontade de se relacionar com outras pessoas”. Mas aqui cabe questionar: seria falta de vontade de relacionar-se ou necessidade de tornar prática a vida e com isso eliminar as extensas e necessárias explicações sobre usos e costumes próprios ao relacionarem-se com outros?

obras de beneficência. Havia muitos anos que a comunidade árabe não elegia um membro para algum cargo no legislativo, seja no município, seja no estado.

¹⁵ N/A: Do árabe ‘permitido’. Refere-se sobretudo à alimentos. A Carne Halal é obtida por meio do abate ao animal com faca – degola, evitando que o animal se debata. Também prevê que o sangue seja esgotado. O abate deve ser feito por um muçulmano, evocando o nome de Deus (bismillah) e orientando o animal para o nascente. São consideradas proibidas de consumo as carnes de animais com as patas não fendidas (como o cavalo – exceto o porco) e com o bico aquilino (como o urubu).

Alguns dizem que nem percebem mais visibilidade ‘acho tudo isso normal no meu cotidiano que nem reparo mais sabia?’ (Munira, 44 anos descendente). Ahmad (31 anos, descendente) acha que alguns podem pensar que essas características da libanesidade em Foz do Iguaçu podem diminuir com o tempo. Todavia ele não concorda, pois segundo o entrevistado, a cada dia tem gente chegando e gente partindo: então sempre tem novidades e gente nova disposta a construir sua identidade. Aqui tanto na fala de Munira como na de Ahmad, percebe-se algo muito relevante para a pesquisa: a saturação, banalização ao olhar das manifestações libanesas na cidade, quando já não se percebe como diferente e se tem a certeza de fazer parte daquilo; e o sentido de continuísmo registrado na fala de Ahmad ao mencionar o vai e vem entre Foz do Iguaçu e o Líbano deixando aquela cada vez mais com ares de Líbano Presente e fazendo com que ele seja menos Ausente.

Por isso, quando questionados sobre a visibilidade da comunidade libanesa surpreendentemente as respostas são difusas. Alguns simplesmente acham que a comunidade não é visível; outros comungam da opinião de que ela poderia ser mais visível e que para isso se deve trabalhar; há aqueles que pensam que a visibilidade está em todos os campos, exceto no político; mas tem ainda, os entrevistados que asseveram que a visibilidade libanesa na sociedade iguaçuenses é um fato dado.

Os motivos que levam à visibilidade da comunidade são diversos: comércio e economia em geral; religiosidade e aqui se elenca fortemente as vestimentas femininas e a mesquita; a fisionomia com traços fortes como nariz grande, sobrancelha e barba espessas; o número de pessoas, o uso da língua escrita e falada; a gastronomia; e obras e associações de beneficência. Todas essas são manifestações dos entrevistados.

Muitos entrevistados arriscam dizer que a comunidade libanesa de Foz do Iguaçu é uma parte da cidade, e com ela tem uma relação de co-dependência: uma já não existiria sem a outra. E também Foz do Iguaçu, na ótica de muitos entrevistados seria um exemplo de lugar no qual muitas nacionalidades podem construir suas identidades com respeito mútuo.

Outros tantos entrevistados trataram da visibilidade como algo que surge naturalmente, ou como um direito, usando palavras como: “é justo que sejamos vistos, somos parte da cidade” (Josiane, 28 anos; e Yasmine 45 anos ambas descendentes); “os libaneses investem muito aqui, então é certo aparecer” (Bilal, 40 anos imigrante); “estamos por toda parte, é claro e isso é bom. Somos vistos e respeitados” (Ronaldo, 32 anos, Helena 30 anos ambos descendentes); “hoje em dia aqui em Foz não se separa o árabe do não árabe, estamos todos juntos” (Karim, 44 anos descendente) ou “ajudamos a erguer essa cidade, por isso aparecemos sempre” (Bassan, 28 anos descendente). Em nenhum momento deram pistas de compreender que a imagem, a visibilidade

e a invisibilidade são criadas, são intencionadas. Pode-se dizer que, apesar, em termos de ciências culturais, essas visibilidades são construídas, em termos vivenciadas por eles já são naturalizadas.

Ao que se pode perceber, existe um grande esforço da comunidade em tornar visível alguns aspectos da sua vida, a comunidade aparece em momentos como: engajamento político/social com ações de caridade, manifestações em questões como a da Palestina ou lançamento de candidatos a vereadores; no âmbito educacional/cultural é seguramente quando essa visibilidade explode aos olhos, ou possivelmente seja o aspecto que mais esteja ao alcance da fruição dos não árabes, tais como festividades, estabelecimentos gastronômicos e educacionais, dança (do ventre e dapke) e música e religiosidade; no quesito da sociabilidade não se pode ignorar a presença e a visibilidade dos libaneses: o próprio Clube União Árabe figura como exemplo e a convivência social com os não libaneses; a forte influência no comércio local e na vizinha Cidade do Leste; e finalmente, mas não menos importante, a arquitetura alusiva aos motivos árabes que estão em diferentes edificações da cidade, onde aqui se pode mencionar de forma completar os letreiros e nomes de estabelecimentos em árabe.

Todos esses elementos já são parte da cidade de Foz do Iguaçu e dotam a comunidade libanesa de uma visibilidade ímpar e quase que imediata ao olhar do não iguaçuenses. Possivelmente esses marcos de visibilidade mencionados não foram constituídos de forma proposital para pura e simplesmente aparecer, fazer ver. Mas certamente foram formatados, desenvolvidos e crescendo ao longo do tempo numa clara intenção de não esconder quem é, de onde é e o que faz: para deixar a mensagem de nós estamos aqui, e essa estadia e não é efêmera.

Considerações finais

No Brasil, os estrangeiros gozam de liberdade para professar fé; organizar entidades de lazer, educação, idiomática, profissionais, culturais e outras; e como isso possibilidades efetivas de (re)organizar suas vidas sem precisar abandonar por completo a origem inclusive na vida pública. Mas isso não quer dizer que eventuais conflitos e dificuldades nesse processo não ocorram, sobretudo aqueles relacionados à educação dos filhos. Pois se antes com os deslocamentos de navio, era comum que um imigrante nunca mais retornasse ao seu país de origem, hoje com os meios de comunicação e a aviação comercial esse contato pode ser constante, e com isso as cobranças para com o manutenção das tradições e costumes idem.

Essa facilidade de comunicação e viagens deu novos contornos ao deslocamento migratório. A partir dela associada a outras nuances, pode-se chegar às ideias que levam ao conceito de diáspora: múltiplas pertencas; base solidária entre os membros de uma comunidade; organizações/instituições no país anfitrião; contato contínuo com o país de origem; lealdade;

redes sócias transnacionais; e um número de pessoas para sustentar as instituições (CARDOZO, 2012).

A comunidade libanesa de Foz do Iguaçu se apresentou nesse estudo como muito bem relacionada na sociedade local. Ela dispõe de contatos e representações em diferentes níveis da política e poder econômico e cultural. Logo, percebe-se que não vive isolada ou encastelada em si mesma, embora primem pelo contato com outros libaneses tanto para atividades de lazer como profissionais. Isso é uma mostra de sua capacidade de inserção e desejo de manutenção da identidade libanesa, muito embora se possa compreender que não se constroem tantos relacionamentos fortes fora da comunidade sem acionar constantemente culturas de transposição.

Neste momento é importante que as diversas instituições e organizações libanesas em Foz do Iguaçu não raro servem de fonte de identificação aos membros da comunidade, além de cumprirem outra função, que é dar visibilidade a ela. Assim as instituições são mais do que marcos visíveis, mas também formas de aclamarem que a imigração para eles não é efêmera, esse deslocamento foi um caminho sem volta.

O que se constrói na visibilidade, são âncoras e marcos que fixam nas práticas a diáspora libanesa em Foz do Iguaçu mediante ‘caráter’ de libanesidade para garantir continuidade entre o presente e o ausente. Observa-se que, enquanto alguns geralmente dizem que com o passar das gerações, e a intensificação da adaptação, a libanesidade irá se diluir na sociedade brasileira, outros asseveram que o constante fluxo de imigrantes entre o Brasil e o Líbano vai sempre manter a identidade viva. Curiosamente, as duas opções permitem, nos quatro níveis de construção, da individualidade, da comunidade, da sociedade (nacional) e na transnacionalidade, sempre opções, demonstrando assim que existe uma cultura performática e funcional viva para os libaneses.

Referências

ARRUDA, Aline Maria Thomé. **Diferenciação e estereotipificação:** libaneses na fronteira Brasil-Paraguai. Univ. Rel. Int., Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 43-65, jan./dez. 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo de 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/resultados_do_censo2010.php. Acesso em maio de 2011.

CARDOZO, Poliana. **Possibilidades e limitações do turismo étnico:** a presença árabe em Foz do Iguaçu. 2004. (dissertação de mestrado em turismo) Universidade de Caxias do Sul.

_____. **O Líbano Ausente e o Líbano Presente:** espaço de identidade de imigrantes libaneses em Foz do Iguaçu. 2012. (tese de doutorado em geografia) Universidade Federal do Paraná.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3ª. ed. UFSC: Florianópolis, 2007.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 2002.

CYMBALISTA, Renato; XAVIER, Iara R. **A comunidade boliviana em São Paulo:** definindo padrões de territorialidade. Caderno Metrópole (on line) 1º semestre 2007.

FERNANDES, Márcio. **Terra do Nunca**. Rolling Stone Brasil, São Paulo, v. 06, n. , p.eletronico, mar. 2007. Mensal. Disponível em: <<http://www.rollingstone.com.br/edicoes/6/textos/terra-do-nunca/#muda>>. Acesso em: 26 nov. 2010.

FOZ DO IGUAÇU. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu. Disponível em: <http://www.fozdoiguacu.pr.gov.br>. Acesso em 05 de fevereiro de 2010.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MACHADO E SILVA, Regina Coeli. **Reordenação de identidades de imigrantes árabes em foz do Iguaçu**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 47(2): 357-373, Jul./Dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v47n2/a06v47n2.pdf>.

MONTENEGRO, Silvia; BÉLIVEAU, Verónica Gimenez. **La triple frontera:** globalización y construcción del espacio. Miño y Dávila srl: Buenos Aires (Argentina), 2006.

ROSEIRA, Antonio Marcos. **Foz do Iguaçu:** cidade rede sul americana. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo: 2006.